

ABERTURA

— Se eu nada fizer, nada existirá.
— Mas, se fizeres, poderá existir. Ou não.
— Sempre a inexistência tem mais força? — pergunto.
Mas não particularmente a ela.

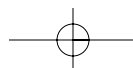
— É a Graça, Gabriela — diz. Um dom.

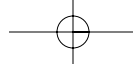
E escreve no seu caderno: «*um dom vem colocar-se ao lado do meu fazer para o proteger do nada*».

Escreve para que fique escrito. Para que esse nada leia, e não se equivoque. Note-se _____ mesmo quando escreve, nada está decidido. Tudo está por decidir, mas nada está decidido para que assim *não* seja. Há naquela frase — a que está escrita no caderno —, a disposição de um combate.

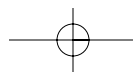
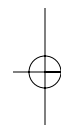
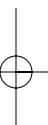
Prefiro escrever, desde já, o que sempre, aliás, esteve escrito. Não será traçada, neste texto, a mesma resposta. Convém, no entanto, que fique dito ____ há uma pergunta própria dos que, alguma vez, se amaram em torno do *ardente texto Joshua* para além da resposta que, de facto _____

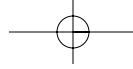
Sim, houve um momento em que estivemos inquietas na mesma pergunta. Sei que estaremos sempre — ou num tempo incomensurável —, nela inquietas.





Ela ia morrer.
E morreu, Teresa Martin, beguina, filha de Hadewijch de
Antuérpia, doutora da Igreja.



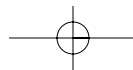
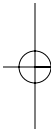


Sintra, 5 de Março de 1997/quarta

Chamar o Verão,
ou uma ida à Vila Velha deitar uma carta no correio.

I

_____ além de mim, o quintal inculto está em flor — observe-o do adro da igreja de São Martinho —, as macieiras estão em flor branca e, noutra lugar, entra o texto novo, igualmente em flor, enquanto os sinos tocam, não o som mas o florido; penso num decorrer novo de *texto que se aproprie do seu nó* _____ um espaço temporal recém-nascido, uma linha engelhada de gravidade por onde corra que novo florido? Vejo um rio trazido pelo olhar, sebes espessas, uma mulher de rosto perfeitamente claro num rosto antigo. Não tenho a certeza que seja mulher, é uma figura que desce do ser o ser-instinto e que, abandonando a corda que desceu, se aproxima do barco atracado no rio. Um Aa, um Alster, um Tejo. Que importa? Um rio que tenha trocas, passeios e raptos na sua memória.



— O que vês agora é um Douro escarpado — diz o ser-instinto: — Um rio de vinho *generoso* na memória

há uma trama, um nó escondido no florescimento destas árvores — as que tenho por debaixo de mim, debruçada como eu estou no piano do muro. De qualquer modo, é preciso ir buscar as imagens aos quadros, recorrer à linhagem dos pintores-fotógrafos, tecê-las num fio condutor sólido que a luz do sol mais espesso do sangue não há-de cortar: eu sei que os pintores-fotógrafos esperam por mim para ouvi-los pintar na voz dos pássaros,

eles tentam agarrar-se à continuidade das imagens, embrenhar-se numa cena fulgor textual, enquanto eu tento desatar a garganta do autor que as traduz _____ pressinto que as mutações do mundo furibundo repousarão mais serenas num banho de prata

— Natureza, Gabriela!

sim, então que seja, respondo sem discutir. Que essa natureza seja a dos quadros ou a dos vapores de iodo e de mercúrio ou (porque não?) a só pensamento sementado em livros, ou a de uma placa de cobre cuidadosamente polida

— Do corpo, Gabriela!

Seja, então, o corpo, mas de um corpo que, sem causa, se lance e *se projecte sem nó* pela encosta fora de mim e do piano deste muro que retém os sons.

É, neste diálogo incómodo em que digo e um ser-instinto me corrige, que uma motivação, uma janela aberta, uma varanda surge no alto da encosta, no seu horizonte quadrilhado de vidros.

Teresa está ali sentada, regressou de Lisieux através do Douro,
e lê a entrada na nossa vida,
voltada para o longe tinto do rio _____
para nós.

Chegou uma multidão de turistas. Presos aos *livros sobre* aquele lugar, nem sequer reparam que o adro mudou e se encontra agora sem parapeito, a pique sobre o florido das macieiras.

Como dizer-lhes *que não vem nos livros?* Passam breves, e deixam-me no colo um texto quase irrespitado.

Teresa não deixou de ler. Subitamente, responde ao outro nome:

— Ser-instinto, desnudamos ou desatamos o texto?

— Des-nodar é melhor.

— O luar já se esvai, o lustre libidinal do dia está aceso. Teresa, que fazes aqui?

— Vim escolher contigo os quadros, mas creio que me esqueci do que ia escolher. Perdi-me no que estava a ler. Não pergunto o que ela estava a ler.

— Há uma árvore que nasce do Céu.

De repente, lembro-me de que devo ir buscar uma imagem a uma gaveta, e prosseguir no aleatório, atravessando o acontecimento da floração das árvores. O sino-relógio deu horas outra vez. Amanhã, voltarei aqui com essa imagem.

— Portal? Retrato? — digo-lhe em voz audível. — Estarás fazendo o que ela me disser pois (ou Porque) o segredo da energia amorosa foi dito a ti.

Dito a ti quer dizer, Teresa, que *o modo* das macieiras em flor está destruindo, a meus olhos,